

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

DRIELLY DA SILVA MANCILHA

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO NARRADOR DOS ROMANCES *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE ASSIS E *AMOR DE CAPITU*, DE FERNANDO SABINO.

**BAGÉ
2025**

DRIELLY DA SILVA MANCILHA

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO NARRADOR DOS ROMANCES *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE ASSIS E *AMOR DE CAPITU*, DE FERNANDO SABINO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros.

**Bagé
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M269a Mancilha , Drielly da Silva

Uma análise comparativa do narrador dos romances Dom
Casmurro, Machado de Assis e Amor de Capitu, de Fernando
Sabino / Drielly da Silva Mancilha .

45 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2025.

"Orientação: Vera Lúcia Cardoso Medeiros".

1. análise comparativa. 2. narrador. 3. Dom Casmurro. 4.
Amor de Capitu. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

DRIELLY DA SILVA MANCILHA

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO NARRADOR DOS ROMANCES DOM
CASMURRO, DE MACHADO DE ASSIS, E AMOR DE CAPITU, DE FERNANDO
SABINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 11 de julho de 2025.

Banca examinadora:

Profª. Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros

Orientadora

(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon

(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Cristina Arena Forli
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **CARLOS GARCIA RIZZON, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/07/2025, às 09:04, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **VERA LUCIA CARDOSO MEDEIROS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/07/2025, às 16:37, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CRISTINA ARENA FORLI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/07/2025, às 21:25, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1783502** e o código CRC **A6498A91**.

Referência: Processo nº 23100.011651/2025-69 SEI nº 1783502

Dedico este trabalho de conclusão de curso aos meus pais, que mesmo com a maré forte, nunca pararam de remar para que eu conseguisse chegar a terra firme.

AGRADECIMENTO

A Deus, por me conceder força, saúde, perseverança e por me fortalecer nos momentos de dificuldade e por iluminar meus passos ao longo de toda essa jornada.

Aos meus pais, minha eterna gratidão. Foram vocês que me ensinaram a sonhar, lutar e a nunca desistir. O apoio incondicional e a confiança que sempre depositaram em mim foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Este trabalho é também de vocês.

Aos meus guias espirituais, que me acompanham desde os 4 anos, agradeço pela proteção, pela sabedoria silenciosa e pela presença constante mesmo quando os olhos não podem ver. A fé que carrego em mim se fortalece por causa dessa conexão que me sustenta e orienta.

Aos meus cachorros Hércules e Iara, que com a sua lealdade, carinho e companhia, estiveram ao meu lado em momentos em que o simples ato de existir já era um consolo. O amor de vocês foi essencial para que eu não me sentisse só.

À minha amiga e colega Mirela, que chegou quando eu nem mesmo acreditava mais em amizade. Grata pelas risadas, conversas, reflexões, por dividir uma turma comigo no estágio, pela parceria em todos os trabalhos e planos de aula. Obrigada por caminhar comigo, mesmo quando o caminho parecia desmoronar.

À minha orientadora, professora Vera Lúcia Cardoso Medeiros, minha sincera gratidão pela sua escuta atenta, pelas valiosas orientações e por me guiar com paciência e competência. Sua contribuição foi fundamental para que esta dissertação ganhasse forma e propósito.

Aos professores e professoras do curso de Letras, meu reconhecimento por cada ensinamento compartilhado, por cada aula que despertou reflexões, por cada palavra de incentivo ao longo do caminho. Cada um, à sua maneira, contribuiu para a formação não só da profissional, mas também da pessoa que me tornei.

À Unipampa, por ter acolhido uma menina assustada, cheia de incertezas e medo, mas com vontade de aprender e crescer. Foi nesse espaço que encontrei apoio, caminhos e possibilidades que jamais imaginei trilhar.

“Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é este propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente.”

“(…) Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.”

– Machado de Assis

“Existo, porque Capitu existiu. E entendo que, mesmo que ela fosse a mais pura das mulheres, eu sentiria ciúmes. Talvez lhe descobrisse alguma falta para mandá-la embora, livrando-me da dor que me doía pelo amor que sentia.”

– Maria Fátima Damasceno

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo realizar uma análise comparativa entre os narradores das obras *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Amor de Capitu*, de Fernando Sabino, observando como diferentes perspectivas narrativas influenciam na interpretação da história e na construção da personagem Capitu. A análise apoiou-se nos seguintes críticos literários: Antônio Candido (1970), Alfredo Bosi (2007), Tania Carvalhal (2006), Helen Caldwell (2008), Lúcia Pereira (2019) e Ligia Chiappini (2001).

Palavras-Chave: análise comparativa, narrador, *Dom Casmurro*, *Amor de Capitu*.

ABSTRACT

This dissertation aims to conduct a comparative analysis between the narrators of Machado de Assis's *Dom Casmurro* and Fernando Sabino's *Amor de Capitu*, observing how different narrative perspectives influence the interpretation of the story and the construction of Capitu's character. The analysis was supported by the following literary critics: Antônio Candido (1970), Alfredo Bosi (2007), Tania Carvalhal (2006), Helen Caldwell (2008), Lúcia Pereira (2019) and Ligia Chiappini (2001).

Keywords: comparative analysis, narrator, *Dom Casmurro*, *Amor de Capitu*.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. SÍNTESE DA FORTUNA CRÍTICA | 14 |
| 2.1. Os ciúmes de Bentinho..... | 16 |
| 2.2. O olhar é o seu enigma..... | 17 |
| 2.3. O feminino da personagem Capitu..... | 19 |
| 2.4. As dissimulações de Bentinho sobre o olhar de Capitu..... | 20 |
| 3. MANIPULAÇÕES DE UM NARRADOR-PROTAGONISTA | 22 |
| 3.1. O narrador de <i>Dom Casmurro</i> , de Machado de Assis..... | 22 |
| 3.2. O narrador de <i>Amor de Capitu</i> , de Fernando Sabino..... | 27 |
| 4. ANÁLISE DA OBRA - CAPITU | 31 |
| 4.1. A Capitu, de Machado de Assis..... | 31 |
| 4.2. A Capitu, de Fernando Sabino..... | 35 |
| 5. ESTUDO COMPARATIVO ENTRE <i>DOM CASMURRO</i> E <i>AMOR DE CAPITU</i> | 37 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 43 |
| REFERÊNCIA | 45 |

1 INTRODUÇÃO

A literatura brasileira é composta por incontáveis autores que utilizam recursos narrativos que refletem não apenas os acontecimentos históricos em que as obras foram escritas, mas também as intenções com essa escrita e seus efeitos que pretendem provocar nos sentidos do leitor. Dentre os mecanismos, o foco narrativo em que a história é escrita ocupa um lugar central, sendo determinante para a construção da narrativa, dos personagens e a proximidade com o leitor. A escolha do narrador, seja ele protagonista, observador ou onisciente, interfere diretamente na percepção da narração da história, influenciando na confiabilidade dos fatos narrados e na interpretação das intenções dos personagens.

O narrador não é um personagem neutro, mas sim um agente que estrutura a narrativa. Esta investigação propõe discutir como a subjetividade de Bento Santiago, em *Dom Casmurro*, interfere no olhar do leitor sobre a apresentação da personagem Capitu, que é acusada de traição. Em contrapartida, Fernando Sabino apresenta em *Amor de Capitu* uma releitura crítica com um narrador em terceira pessoa, ao assumir um olhar externo e distanciado, possibilitando à personagem um espaço de maior autonomia e uma nova reinterpretação.

Capitu é, desde a publicação de *Dom Casmurro* em 1899, uma das personagens mais lembradas da literatura brasileira. Ela é descrita pelo narrador-personagem Bentinho com seus enigmáticos “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, tornando-se alvo de uma interminável discussão sobre sua suposta infidelidade. A dúvida em torno da sua conduta apresentada na obra não se sustenta com provas concretas, mas na percepção subjetiva e ciumenta do narrador, que confessa ter como objetivo “atar as duas pontas da vida”, por meio das reminiscências da sua infância e juventude. Neste processo, o protagonista convida o leitor a aceitar os fatos narrados por ele ou contestar a versão dos fatos apresentados por Bento Santiago. A narrativa é carregada por questionamentos sobre a veracidade dos acontecimentos e a confiabilidade da voz narrativa.

Fernando Sabino reconta a história sob um novo ângulo, deslocando o foco narrativo, com isso, apresenta uma nova possibilidade de interpretação da personagem Capitu. Em vez de apresentar os fatos sob a visão do marido ressentido, o narrador em terceira pessoa de *Amor de Capitu* posiciona-se fora dos acontecimentos, oferecendo ao leitor

um olhar neutro e menos carregado de emoções. A Capitu desse novo contexto deixa de lado a figura passiva julgada pelos olhos dos outros e torna-se uma mulher complexa e independente. A obra de Sabino revisita o clássico de Machado de Assis, mas propõe uma releitura crítica marcada pelas discussões contemporâneas sobre gênero, subjetividade e autoridade narrativa.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo investigar como os diferentes focos narrativos, em primeira pessoa, na obra de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e em terceira pessoa, em *Amor de Capitu*, de Fernando Sabino, influenciam na percepção e na interpretação da personagem Capitu. Trata-se de uma análise literária de natureza comparativa, que considera não só os aspectos estruturais das narrativas, mas também seu contexto histórico, social e cultural. *Dom Casmurro* foi escrito em um momento em que a literatura brasileira passava pela consolidação do realismo, com forte ênfase na introspecção psicológica e na crítica às instituições sociais. Já *Amor de Capitu* surge no cenário pós-moderno, em que as releituras críticas e as ressignificações das obras clássicas se tornam comuns, em que o silenciamento histórico das mulheres ocupa um espaço central na ficção.

O tema desta dissertação reside na possibilidade de compreender como a forma da narrativa, por meio do foco narrativo, atua diretamente na recepção do texto e na construção de sentidos e diferenças. Ao analisar os dois romances que contam a mesma história, buscou-se evidenciar como a mudança de narrador interfere na representação da personagem feminina, desafiando o leitor a reconsiderar aquilo que lhe foi apresentado na narrativa de *Dom Casmurro*. A análise não propõe resolver o mistério da fidelidade de Capitu, mas problematizar a narrativa que sustenta ou contesta esse julgamento.

A presente análise é uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, apoiando-se em referências teóricas a críticos literários, da teoria do foco narrativo e da literatura comparada, nos seguintes críticos: Antônio Candido (1970), Alfredo Bosi (2007), Tania Carvalhal (2006), Helen Caldwell (2008), Lúcia Pereira (2019) e Ligia Chiappini (2001) oferecem suporte para confirmarem as análises realizadas. Além disso, esta pesquisa é uma abordagem comparativa que não se limita à identificação de temas e personagens comuns, mas que privilegia a análise da forma narrativa como elemento na produção de sentidos. A literatura comparada oferece as ferramentas teóricas para pensar o diálogo entre as obras, ampliando a compreensão sobre as estratégias utilizadas por Machado de Assis e Fernando Sabino em seus romances.

Dessa forma, o presente estudo pretende desenvolver a análise: observar, descrever e interpretar os diferentes usos do foco narrativo em *Dom Casmurro* e *Amor de Capitu*, e os efeitos que essa escolha tem na representação da personagem Capitu. Ao explorar essa questão, pretende-se refletir sobre o papel do leitor enquanto sujeito ativo na construção de sentidos e o poder da narrativa de moldar visões. A partir dessas reflexões, o trabalho propõe uma releitura crítica das obras, que vá além do julgamento moral da personagem feminina e que considere os elementos formais da narrativa como fatores determinantes para a leitura.

2. SÍNTESE DA FORTUNA CRÍTICA

Em seu livro intitulado *História Concisa da Literatura Brasileira* (2015), Alfredo Bosi nos apresenta o autor Joaquim Maria Machado de Assis, mais conhecido como Machado de Assis, nascido em 21 de junho de 1839 no Morro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro, filho de um brasileiro, chamado de Francisco José Assis, um mulato pintor de paredes, e de uma portuguesa lavadeira açoriana, nomeada Maria Leopoldina da Câmara Machado. Perdeu sua irmã mais nova, quando ela tinha quatro anos, em 1845. Quatro anos depois, ficou órfão de mãe. Seu pai casou-se novamente com Maria Inês. Aos 12 anos, seu pai faleceu e foi criado pela madrasta com apoio da madrinha rica.

Na infância apareceram os primeiros sintomas da epilepsia, uma doença neurológica sem cura e carregada de preconceitos, e sua gaguez, que o acompanhou durante a vida toda, tornando-o uma pessoa reservada e tímida. Aprendeu a ler e escrever em uma escola pública, recebeu algumas aulas de francês e latim do padre Silveira Sarmiento, construiu sua carreira literária como autodidata. Trabalhou como tipógrafo, foi funcionário público, começando como auxiliar e chegando até diretor-chefe. Escreveu críticas de teatro, poema, resenha de debate de senado, peça teatral, contos, romances, ensaios, artigos e crônicas para jornais e revistas e ainda soluções para jogos de xadrez. Machado casou com uma portuguesa, mais velha que ele, Carolina Augusta de Novais, sua companheira até a sua morte em 1904. Assis ficou deprimido e já se encontrava cego, veio a falecer em 1908, aos 69 anos, no mesmo Rio de Janeiro onde havia nascido.

Entre muitas obras, o romance *Dom Casmurro*, publicado em 1899, chegando apenas no início de 1900 no mercado brasileiro, é amplamente reconhecido pela sua profundidade reflexiva e psicológica. A obra destaca-se por uma narrativa em primeira pessoa e Bentinho, como é conhecido na infância e Bento Santiago na adolescência como um narrador-personagem, também conhecido como Dom Casmurro na fase da velhice, um

advogado aposentado e solitário que decide escrever suas memórias para justificar os acontecimentos que marcaram a sua vida. A história gira em torno do amor de Bentinho por Capitu, sua amiga de infância e, mais tarde, sua esposa. Desde o início, a narrativa é permeada por uma nostalgia e amargura, à medida que Bento descreve o relacionamento com Capitu, rodeado de amor, ciúmes e desconfiança.

Mesmo com mais de um século de existência, a personagem oblíqua e dissimulada de Machado de Assis, Capitu, da obra *Dom Casmurro*, permanece atraindo a atenção da crítica literária. Imortalizando a personagem Capitu. As discussões acerca da inesquecível Capitu são infinitas. Muitos autores, desde a sua criação, retomam sua ação em *Dom Casmurro* sob diversos aspectos, transportando-a para textos atuais.

As críticas sobre a personagem Capitu são centradas, sobretudo, na suspeita de Bento Santiago de uma traição extraconjugal com seu melhor amigo Escobar. Bento é o personagem-narrador, é ele que fala na obra *Dom Casmurro*, conhecemos somente o que transcorreu através da sua narração e as características de Capitu pelo seu olhar. A personagem Capitu é determinada e confiante em si mesma, essas características fragilizam Bentinho, causando crises de ciúmes. No período do namoro, a postura firme de Capitu afeta Bentinho, tornando-o desconfiado e indeciso quanto aos sentimentos dela. Capitu faz juras ao namorado, até três vezes, que só se casaria com ele: “Ainda que você case com outra, cumprirei o meu juramento, não casando nunca.”¹ Mesmo com o juramento, Bentinho continuava inseguro com os sentimentos de Capitu. Em outro momento, enciumado com uma troca de olhares entre ela e um cavaleiro que passava pela rua, enquanto eles conversavam, Bentinho toma uma atitude inesperada: “Tal foi o segundo dente de ciúme que me mordeu. (...) Nem disse nada a Capitu; saí da rua à pressa, enfiei pelo meu corredor, e, quando dei por mim, estava na sala de visitas.”² O comportamento de Bentinho indignou Capitu, que mesmo depois de lhe fazer a promessa, desconfiava dos seus sentimentos por ele. Inconformada, foi até a casa da vizinha, falar da sua insatisfação com sua atitude, ameaçando romper com o namoro:

Quando soube a causa de minha reclusão da véspera, disse-me que era grande injúria que lhe fazia; não podia crer que depois da nossa troca de juramentos, tão leviana a julgasse que pudesse crer... E aqui romperam-lhe lágrimas, e fez um gesto de separação; mas eu acudi de pronto, peguei-lhe das mãos e beijei-as com tanta alma e calor que as senti estremecer.³

¹ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2009. p. 13.

² *Ibidem*, p. 198

³ *Ibidem*, p. 202-203

O jovem casal de namorados faz outra promessa, se existirem outras dúvidas sobre seus sentimentos, essa deveria ser a primeira e última. Capitu ameaçou que a próxima suspeita dele seria o fim do relacionamento do casal. A promessa foi rompida após o matrimônio, levando o casal a um final trágico. Bento julga e a condena por acreditar que Capitu tenha cometido o adultério com seu melhor amigo, Escobar. No entanto, na obra *Dom Casmurro*, não há comprovação efetiva do envolvimento amoroso ou sexual entre Capitu e Escobar. Para o narrador-personagem, suas suspeitas são nutridas por dois motivos. O primeiro refere-se ao olhar demorado que Capitu direciona ao falecido, Escobar, no caixão: “No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonada fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...”⁴. O segundo motivo relaciona-se às semelhanças físicas do seu filho Ezequiel, com o amigo:

Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção do costume.⁵

Ainda hoje, os leitores e críticos literários têm a preocupação em evidenciar a ambiguidade de Capitu, porque era isso o que Bentinho dizia dela. *Dom Casmurro* é a retratação de uma mulher feita pelo marido. Não se pode esquecer que suas memórias, encontradas no livro, são apenas a sua versão dos acontecimentos e não os acontecimentos em si. Só conhecemos a Capitu e todas as outras personagens através do olhar do marido, que se julga traído. Além do problema do ciúme e da traição, *Dom Casmurro* coloca em dúvida entre o que conhecemos das pessoas e aquilo que elas realmente são.

2.1. Os ciúmes de Bentinho

Dom Casmurro descreve no capítulo 73, intitulado “O Contrarregra”, a cena em que um cavalheiro passando pela janela de Capitu a vê: “O cavalheiro não se contentou de ir andando, mas voltou a cabeça para o nosso lado, o lado de Capitu, e olhou para Capitu, e Capitu para ele; o cavalo andava, a cabeça do homem deixava-se ir voltando para trás.”⁶ Aqui o nosso narrador-protagonista, confessa que esse foi o seu segundo ciúmes.

Bento Santiago acreditava que Escobar e seu filho Ezequiel tinham muitas semelhanças em comum, isso reforçava o seu julgamento de marido traído e fortalecia as

⁴ Ibidem, p. 310

⁵ Ibidem, p. 325-326

⁶ ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 198.

suspeitas de algum envolvimento amoroso entre ela e o amigo. Para Antonio Candido, na obra *Vários Escritores* (2004), no texto intitulado *Esquema de Machado de Assis*, escrito no final da década de sessenta e publicado em 1970. Tais semelhanças entre a criança e o melhor amigo de Bentinho são consequências do forte ciúme dele, ou apenas fato isolado, sem qualquer ligação, pois essas semelhanças aconteceram entre Capitu e a mãe de Sancha: “Para a furiosa ‘cristalização’ negativa de um ciumento, é possível até encontrar semelhanças inexistentes, ou que são produtos do acaso”⁷. No romance, Bento nota essas semelhanças no retrato da mãe de Sancha com Capitu por não existir, entre ambas, algum grau de parentesco. Gurgel, pai de Sancha comenta que as pessoas que conheceram as duas salientam tal semelhança e que, além disso, as duas têm características físicas parecidas, possuem o mesmo gênio. Gurgel observa essa casualidade dizendo: “Na vida há dessas semelhanças assim esquisitas.”⁸

2.2. O olhar é o seu enigma

No livro *O enigma do olhar*, publicado em 2007, por Alfredo Bosi, sendo o texto com o mesmo título. O autor analisa a metáfora do olhar da personagem Capitu. Bosi compara esse olhar com a personagem Sofia, do romance *Quincas Borba*⁹. O crítico comenta:

Seus olhos serão olhos-ondas tragadores de homens vivos e mortos, e junto com os olhos virão espáduas e braços nus, colos magníficos, seios fartos, corpos bem feitos, bem conscientes do seu poder de sedução, e até joelhos.¹⁰

Capitu seduz, atrai, fascina e conquista Bentinho e as pessoas com quem se relaciona através do olhar. Bosi ainda compara Capitu com Sofia, que tem o mesmo desejo de se inserir na alta sociedade, para elevar a sua condição financeira, pondo suas ambições em prática: “Ambas, cada uma a seu modo, almejam a plena inserção na sociedade conservadora onde vivem.”¹¹ Capitu sabia que somente o matrimônio, ou o patrimônio, obteria uma boa posição social no regime patriarcal. Ela pertencia a uma família com origem humilde, o casamento era o meio existente para concretizar seus planos. Assim, ela ata seus grandes desejos com o

⁷ CANDIDO, Antonio. “Esquema de Machado de Assis”. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 25.

⁸ ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 219.

⁹ A obra *Quincas Borba* (1891) integra, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1889), a trilogia mais famosa das obras narrativas de Machado de Assis.

¹⁰ BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p. 21.

¹¹ *Ibidem*, p. 23.

enlace: seu amor por Bentinho e sua posição na alta sociedade. Mas, quando Bentinho a acusa de traição, os seus sonhos acabam. Capitu até mantém seu status social, mas termina seus dias de vida exilada na Europa. Assim, Capitu é abandonada por quem ela aguardou, até que ele saísse do seminário e se formasse em Direito. Segundo Bosi, Bento Santiago segue um protótipo de homem que esconde e afirma sempre o contrário do que sente. Com esse ato imprudente, ele renega a paternidade de um filho que sua mulher dizia ser dele, exila-a em uma casa na Europa e depois não tem coragem de dizer aos vizinhos e amigos que separou-se de Capitu. Para simular, aos olhos das pessoas, encontros familiares, viajava regularmente para a Europa, mas não a visitava:

Embarquei um ano depois, mas não a procurei, e repeti a viagem com o mesmo resultado. Na volta, os que se lembravam dela, queriam notícias, e eu dava-lhas como se acabasse de viver com ela; naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de simular isto mesmo, e enganar a opinião.¹²

A condenação por adultério e o exílio não interferem na intenção de tentar uma conciliação com o marido. A tentativa é invalidada por Bentinho, que não corresponde aos seus sentimentos descritos nas cartas que Capitu lhe escrevia, conforme o relato do narrador-personagem: “Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, a que respondi com brevidade e sequidão. As dela eram submissas, sem ódio, acaso afetuosas, e para o fim saudosas; pedia-me que a fosse ver.”¹³ O desfecho no romance é separação definitiva.

Alfredo Bosi analisa a seguinte passagem do romance: “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem.”¹⁴ Bosi dá outro significado para as palavras de Bentinho, definindo Capitu: “O singular em estado puro – Capitu era Capitu – casa-se com um universo feminino (mulher), e daí nasce este ‘mui particular’, intensivo, que leva ao extremo possível a recusa à classificação.”¹⁵ O que ele tenta explicar é que Capitu é uma das personagens femininas mais fascinantes da Literatura Brasileira, tornando-a uma “criatura mui particular” pelas características admiradas por muitos leitores.

José Dias defini Capitu como uma moça com “olhos de ressaca”, e Bentinho aceita essa definição, pois ele identifica que o poder de sedução de Capitu são os seus olhos. Bentinho tem uma intuição perturbadora, como se sentisse que “mar em ressaca” fosse um

¹² ASSIS, Machado. Dom Casmurro. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 344.

¹³ Ibidem, p. 344.

¹⁴ Ibidem, p. 89.

¹⁵ BOSI, Alfredo. O enigma do olhar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p. 30.

forte poder de atração, a ponto de rebaixar a sua masculinidade. Bosi concorda com a comparação de José Dias quanto ao poder dos olhos de Capitu:

O fluxo e o refluxo do olhar, figura da vontade de viver e de poder, uma só energia latente naquela mulher, ‘mais mulher do que eu era homem’, como Bentinho admite na sua confissão de fraqueza que inverte a posição de classe e a faz esquecida ou inoperante.¹⁶

Esse olhar, tão enigmático e irresistível, cega Bentinho que a incrimina. Capitu nunca suspeitou que sua expressão, no velório de Escobar, fosse uma revelação de um sentimento pelo falecido. Esse simples olhar é uma prova para Bentinho, que passa a acusá-la até o fim do romance.

2.3. O feminino da personagem Capitu

Lúcia Miguel Pereira é uma crítica que destaca-se por analisar o feminino em torno da personagem Capitu. Na obra *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, publicada na década de 1930, a autora analisa a personagem de Machado de Assis, a partir da sua beleza física e sua personalidade marcante.

Segundo ela:

Capitu é uma linda mulher de atrativos femininos, Bentinho um rapaz cheirando a seminário (...) Casado com uma mulher de fogo, ele próprio mais propenso à interiorização, desconfiando de si, Bentinho não podia deixar de ter ciúmes. Ciúmes doentios, dolorosos, que o fizeram quase assassino e que o levaram à misantropia.¹⁷

Lúcia demonstra uma grande admiração pela personalidade de Capitu. Segundo ela, sua beleza, a feminilidade, a energia e a vivacidade de Capitu são os motivos que causaram a insegurança de Bentinho, como também os seus ciúmes. A autora, como tantos outros críticos de Machado de Assis, evidencia as qualidades de Capitu, que estão também presentes em Bentinho. Apesar de Pereira apontar as mesmas características que outros críticos literários já mencionaram sobre a diferença entre Capitu e Bentinho, ela descreve uma personagem sensual, até mesmo a erotizando. Lúcia define Bentinho, inferiorizando-o comparado com Capitu: “era um emotivo, um tímido, dominado pelas impressões. Mas Capitu, felina, ondulante, cheia de manhas e recursos, já se revelara, desde então, mulher até a ponta dos

¹⁶ Ibidem, p. 33.

¹⁷ PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019. p. 227.

dedos.”¹⁸ A personalidade frágil de Bentinho colide com a personalidade de Capitu, resultando em um ciúme doentio, que quase o torna um assassino. Lúcia Miguel Pereira apresenta, em seu texto, que a prova final dos ciúmes de Bentinho foi as semelhanças entre Escobar e seu filho Ezequiel, mas a autora observa também as semelhanças entre a mãe de Sancha e Capitu, mesmo ambas não possuindo qualquer grau de parentesco: “Capitu teve um filho parecido com o amigo do marido; mas também ela apresentava uma estranha semelhança com a mãe da sua amiga Sancha.”¹⁹ Essa semelhança, para Lúcia, poderia ser fruto do acaso.

2.4. As dissimulações de Bentinho sobre o olhar de Capitu

A escritora norte-americana Helen Caldwell, na obra *O Otelo de Machado de Assis*, torna seu texto polêmico ao inverter *Dom Casmurro* em favor de Capitu. Seu texto foi publicado em 1960, na Califórnia, e somente foi traduzido para o público brasileiro em 2002, com tradução de Fábio Fonseca de Melo. A autora defende Capitu da sua acusação de infidelidade vinda de Bentinho, utilizando uma outra interpretação para as reminiscências de Bento Santiago em *Dom Casmurro*. Para Helen, Capitu foi vítima de todas as circunstâncias. Assim, Caldwell pretende responder a duas questões em sua obra:

Mas o núcleo de meu estudo consiste em responder duas questões subsidiadas diretamente do próprio *Dom Casmurro*, uma subsidiária à outra. A questão principal é: “A heroína é culpada de adultério?”; a subsidiária, “por que o romance é escrito de tal forma a deixar a questão da culpa ou inocência da heroína para decisão do leitor?”²⁰

A partir dessas duas perguntas, Helen Caldwell desdobra a sua crítica literária, apontando todas as evidências contra Bentinho. Assim, como uma advogada, ela retoma todas as falas de Bentinho para inocentar Capitu. É Capitu quem deveriam desconfiar do seu marido, pois é ele que descreve, através de suas memórias, seus desejos e até evidências de seu envolvimento com outras mulheres, enquanto com Capitu: “Ele confessa suas defecções: seu interesse na irmã de Escobar, em outras mulheres, em Sancha e, finalmente, em prostitutas.”²¹ Para a autora, as acusações de Bentinho contra Capitu são uma maneira de disfarçar a inveja sobre suas qualidades que destacam-se nela, ausentes nele próprio: “Ele

¹⁸ Ibidem, p. 226.

¹⁹ Ibidem, p. 227.

²⁰ CALDWELL, Helen. *O Otelo de Machado de Assis*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2021. p. 13.

²¹ Ibidem, p. 124

inveja a fidelidade, a confiança, a singularidade, a pureza, o autoabandono do amor de Capitu. Pois Capitu não sente culpa nem vergonha em amar Bento.”²² Na obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, Bento Santiago deixa explícita sua inveja por Capitu, ao reparar nas habilidades que ele era incapaz de possuir: “Como era possível que Capitu se governasse tão facilmente e eu não?”.²³

Machado de Assis compara o relacionamento de Bentinho e Capitu com a peça shakespeariana *Otelo*²⁴, onde Bentinho interpretaria o papel de Otelo e Capitu, o de Desdêmona. Para Caldwell, Capitu se sobressai em comparação com Desdêmona: “Capitu tem dignidade e o orgulho de uma dama bem nascida, e um entendimento da vida, de homens e mulheres muito além de sua idade – maior até que o da veneziana Desdêmona.”²⁵

Assim como Bosi, Helen Caldwell também analisa o olhar de Capitu: “Para ele, Capitu representa o oposto de sua mãe: seus olhos são um mar traiçoeiro a arrastá-lo para as profundezas sem fim.”²⁶ A personagem Capitu é completamente o oposto da mãe de Bentinho, Dona Glória, Capitu luta contra a decisão de Bentinho de ir para o seminário, utilizando de artimanhas para inverter a situação, para enfim, poder casar com o seu amado. Caldwell ainda ressalta as qualidades do nome Capitolina, que é um substantivo derivado de Capitólio: “Um português, este nome é utilizado principalmente em sentido figurado como substantivo comum cujo significado é triunfo, glória, eminência, esplendor, magnificência.”²⁷

Helen Caldwell, em sua pesquisa, assim como Bentinho, assemelha-se a uma peça jurídica em que Helen advoga a favor de Capitu e torna Bentinho um culpado. A norte-americana não poderia deixar uma mulher ser condenada injustamente pelo seu marido de adultério. Capitu enfrentou as calúnias de José Dias, conquistou sua sogra e ainda esperou Bentinho sair do seminário para poder concluir seus estudos em outro país, para finalmente casar com seu amor de infância. Mesmo com toda a sua espera, enquanto Bentinho aproveitava a sua vida, Capitu tornou-se vítima dos ciúmes do marido e condenada ao exílio, até o final de seus dias. Assim, Bentinho e Capitu são comparados a Otelo e Desdêmona, o

²² Ibidem, p. 124.

²³ ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 217.

²⁴ A peça *Otelo*, de William Shakespeare, conta a trágica história do general mouro Otelo, que acaba sendo vítima de armadilha forjada por seu subordinado, Iago. Sentindo-se prejudicado por não ter sido promovido ao cargo de tenente, que foi dado a Cássio, Iago decide vingar-se de Otelo, ele planta dúvidas na mente de Otelo, sugerindo que sua esposa, Desdêmona, estaria tendo um caso com Cássio. Para reforçar suas acusações, Iago pega um lenço que Otelo havia dado a Desdêmona e o coloca no aposento de Cássio. Assim, insinua a Otelo que o lenço confirma a suposta traição. Dominado pelo ciúmes, Otelo mata Desdêmona. Mais tarde, a esposa de Iago revela toda a manipulação. Diante da revelação, Otelo, tira a própria vida.

²⁵ CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2021. p. 22.

²⁶ Ibidem, p. 52.

²⁷ Ibidem, p. 76.

lenço que compromete Desdêmona, em *Otelo*, em *Dom Casmurro*, são as características e semelhanças entre Escobar e o filho de Bentinho, Ezequiel que incriminam Capitu.

A narrativa machadiana investiga e se preocupa com a existência, apresentando acontecimentos para a formação da alma de *Dom Casmurro* que concebe esse sentimento através do ciúme. O amor de Bentinho é o espelho do burguês ciumento: seu amor por Capitu é a conquista de sua identidade social, moral e religiosa. Amá-la significa ser dono dela conforme os costumes e os padrões da época. E quando a mulher não segue esses padrões estipulados para ser amada, ela provoca ciúmes e pode estar sujeita a acusação de traição. Para a autora, as atitudes de Bentinho a motivaram a defender Capitu, ressaltando que as desconfianças do marido e seu exílio foram injustas.

A dissertação *O Discurso do Eu Metaliterário em Dom Casmurro*, de Machado de Assis (2015), de autoria de Wanessa Cardoso Silva, propõe uma análise detalhada da obra *Dom Casmurro*, com enfoque na metalinguística, dissimulação narrativa e a construção da autobiografia ficcional. A pesquisa explora a interação entre autor, narrador e leitor, destacando as estratégias discursivas que tornam a obra um exemplo complexo de narrativa introspectiva e metaliterária. A obra é frequentemente lida sob a perspectiva do suposto adultério de Capitu, e é interpretada nesta dissertação por uma ótica mais ampla, que vai além da trama romântica tradicional. A autora destaca como Bento Santiago manipula a narrativa para conduzir o leitor a adotar sua visão enviesada dos fatos. Segundo a autora, a obra tem um caráter teatral, onde cada personagem desempenha um papel cuidadosamente orquestrado pelo narrador.

Explora-se também o conceito de dissimulação, destacando que Bentinho constrói uma imagem de si mesmo como vítima inocente de uma traição conjugal, ao mesmo tempo em que lança suspeitas sobre a fidelidade de Capitu. A interação entre narrador e leitor, transforma o leitor em uma espécie de juiz, que deve avaliar as evidências apresentadas pelo narrador e decidir se Capitu é de fato culpada ou se Bento está projetando suas inseguranças e frustrações pessoais na esposa.

3. Manipulações de um narrador-protagonista

3.1. O narrador de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis

O romance intitulado *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, é narrado na primeira pessoa por Bentinho, ou melhor, Bento Santiago, que nos conta a história de sua própria vida. O narrador é construído a partir do pseudônimo de Dom Casmurro. Esse pseudônimo foi-lhe

atribuído por um amigo poeta que ele conheceu no trem da Central: “Não consultes dicionários. *Casmurro* não está aqui no sentido que ele lhe dá, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo.”²⁸

O personagem Dom Casmurro narra o enredo do romance, a partir de suas lembranças, convidando o leitor a adentrar em seu passado psicológico por meio de suas premissas, lacunas e ambiguidades. Da mesma forma como ocorre em um tribunal, tornamos-nos cúmplices e testemunhas de Bentinho ou defensores de Capitu.

Dom Casmurro é escrito por um narrador que está entediado com a monotonia de sua vida e pensa que na escrita encontrará uma forma de reviver a época da juventude.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e essa lacuna é tudo. (ASSIS, 2019, p. 18)

Esse desejo de reviver a adolescência faz com que Bentinho reproduza exatamente igual à casa em que viveu na infância.

A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa que me criei na antiga rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. (ASSIS, 2019, p. 17)

A construção não retomou os momentos vividos na infância e juventude, e por isso, era necessário achar outro caminho para encontrar-se com a infância e a juventude e escrever foi o escolhido. O narrador busca na escrita de sua história, estabelecer com o leitor uma relação de cumplicidade, dedicando uma atenção diferenciada nas formas de tratamento.

Abane a cabeça, leitor; faça todos os gestos de incredulidade. Chegue a deitar fora este livro, se o tédio já o não obrigou a isso antes; tudo é possível. Mas, se o não fez antes e só agora, fio que torne a pegar o livro e que o abra na mesma página, sem crer por isso na veracidade do autor. (ASSIS, 2019, p. 130)

Segundo Ligia Chiappini Moraes Leite (2001), em *O foco narrativo*, para o autor Norman Friedman, há nove tipos de narradores quanto à sua inserção na história: o autor onisciente intruso, narrador onisciente neutro, “Eu” como testemunha, narrador-protagonista

²⁸ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 16.

ou narrador-personagem, onisciência seletiva múltipla, onisciência seletiva, modo dramático, câmera e a análise mental, monólogo interior e fluxo de consciência.

O narrador-protagonista, como o próprio nome já diz, é aquele em que o protagonista assume o papel de narrador. Conforme Friedman (2001), “O NARRADOR, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos.”²⁹ O narrador, que também é o protagonista da ação, impõe o seu ponto de vista ao narrar suas lembranças envolvendo o seu relacionamento com sua amiga de infância. No trecho citado acima, sobre a reconstrução da casa da rua de Matacavalos, onde Bentinho foi criado, sabemos das características desse imóvel apenas pelo olhar do nosso narrador-protagonista, Bento Santiago, não sabemos se o que nos foi contado por ele não foi modificado para o seu próprio favorecimento ou se realmente aconteceu na forma em que foi descrito por ele.

O capítulo 13, intitulado “Capitu”, descreve o encontro entre o casal Bentinho e Capitu, no quintal da filha de Pádua:

O rumor da porta fê-la olhar para trás; ao dar comigo, encostou-se ao muro, como se quisesse esconder alguma cousa. Caminhei para ela; naturalmente levava o gesto mudado, porque ela veio a mim, e perguntou-me inquieta:

- Que é que você tem?

- Eu? Nada.

- Nada, não; você tem alguma cousa.

Quis insistir que nada, mas não achei língua. Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca fora. Não podia tirar os olhos daquela criatura de 14 anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. (ASSIS, 2019, p. 44)

O narrador assume o papel de personagem ao narrar uma lembrança envolvendo seus tempos de criança e os primeiros indícios de seu amor por Capitu. Bentinho, por contar uma história testemunhal de sua vivência sobre uma suposta traição de Capitu e por confessar suas divagações e imaginações aos leitores, é o condutor da narrativa manipuladora. Assim, pode-se afirmar que este narrador-protagonista manipula seus leitores para acreditar em sua versão. Segundo o dicionário Aurélio, a palavra manipulação tem a seguinte definição: “Levar alguém a pensar ou agir como nós convém”³⁰, essa definição é exatamente o que o narrador-personagem faz durante toda a obra.

²⁹ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 43.

³⁰ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010. p. 486.

A condução da narrativa da história é moldada para o que lhe convém. O marco central da narrativa de Bento Santiago é Capitu ter cometido adultério com Escobar. Ele busca provar ao longo da narrativa a culpa de Capitu, desde a infância, apresentando e evidenciando as características que confirmam a sua suspeita de infidelidade, tentando convencer o leitor de que ela era mesmo infiel.

Os capítulos seguintes também são envolvidos nessa proximidade com o narrador, que tenta estabelecer, ao longo da apresentação dos personagens que compõem seu círculo familiar e de amizade, a fim de que o leitor familiarize-se e compreenda com ele as suas atitudes e suspeitas. Ele fala como se o leitor estivesse a seu lado e pudesse ser uma testemunha da veracidade dos fatos narrados por ele.

O narrador anseia por convencer o leitor de que tudo é narrado por ele, enquanto o narrador-personagem da história é verdadeiro e deve ser aceito. Isso aparece em: “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição.”³¹

É assim que Bento Santiago vai conquistando o leitor, tornando-o parte da sua história de vida, incumbindo-o da tarefa de preencher as lacunas deixadas por ele ao longo do texto, chegando a pedir ao leitor a aprovação das mudanças de Capitu: “Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.”³² O narrador não necessita dessa concordância do leitor, mas eleva o leitor ao nível de alguém que o narrador considera como acostumado a fazer essa confidência, esperando uma compreensão de suas escolhas.

No Capítulo 18, nomeado de “Um Plano”, Bentinho conta a Capitu que irá para o seminário, visto que sua mãe fez uma promessa a Deus que, se seu filho nascesse vivo e fosse menino, ele seria padre. Capitu dá a ideia de Bentinho fugir de navio para a Europa, mas não havia condições financeiras para isso. Após sua fala, Dom Casmurro conclui sobre ela: “Como vês, Capitu, aos 14 anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos.”³³

Para atingir seu objetivo, ele utiliza uma linguagem de julgamento, baseando-se no discurso de Capitu, distorcendo a sua imagem para os leitores, com o propósito de

³¹ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 89.

³² *Ibidem*, p. 358.

³³ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 60.

convencê-los a acreditar nele, e de que suas leitoras testemunhas irão sentir a sua história dolorosa e sua suspeita contra sua esposa.

A narração de Bentinho é apenas apresentada através do seu ponto de vista, a voz de Capitu é silenciada. O narrador-personagem apenas nos conta aquilo que lhe convém e da maneira que ele entende. Em momento nenhum, Capitu tem o direito de defesa ou explicação, toda a narrativa é apresentada pela voz masculina em todo o romance. Não se pode condenar ou defender Capitu ou comprovar as suspeitas de Bento Santiago.

O processo de elaboração do romance é construído a partir das memórias do narrador, toda a narração é passível de questionamentos, como o próprio narrador Bentinho nos conta no capítulo LIX, “Convivas de Boa Memória”:

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias sem guardar delas nem caras nem nome, e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque exceto essa cor; mas isso mesmo por ser olvido e confusão. (ASSIS, 2019, p. 161)

Na narrativa, são encontradas lacunas que criam dúvidas no leitor a respeito dos fatos narrados pelo narrador-protagonista. Essas dúvidas e reflexões são preenchidas pelo leitor, como o próprio narrador expressa em: “É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.”³⁴ Dando uma sensação de uma suposta liberdade que o narrador permite, mas é induzido propositalmente pelo narrador para o leitor aceitar a versão apresentada por ele. Isso acontece no capítulo intitulado “Uma ponta de Iago”, quando José Dias vai visitar Bentinho no seminário e pergunta por Capitu:

– Capitu como vai?

A pergunta era imprudente, na ocasião em que eu cuidava de transferir o embarque. Equivalia a confessar que o motivo principal ou único da minha repulsa ao seminário era Capitu, e fazer crer improvável a viagem. Compreendi isto depois que falei; quis emendar-me, mas nem soube como, nem ele me deu tempo.

– Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela... (ASSIS, 2019, p. 168 - 169)

Essas reticências na escrita devem ser completadas pelo leitor, é o narrador-personagem que confirma isso no parágrafo seguinte:

³⁴ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019.p. 162.

E... quê? Saber o que é que trocariam mais; se o não achas por ti mesmo, escusado é ler o resto do capítulo e do livro, não acharás mais nada, ainda que eu o diga com todas as letras da etimologia. Mas se o achaste, compreenderás que eu, depois de estremecer, tivesse um ímpeto de atirar-me pelo portão fora, descer o resto da ladeira, correr, chegar à casa do Pádua, agarrar Capitu e intimar-lhe que me confessasse quantos, quantos, quantos já lhe dera o peralta da vizinhança. Não fiz nada. Os mesmos sonhos que ora conto não tiveram, naqueles três ou quatro minutos, esta lógica de movimentos e pensamentos. Eram soltos, emendados, com o desenho truncado e torto, uma confusão, um turbilhão, que me cegava e ensurdecia. (ASSIS, 2019, p. 170)

Nota-se que essa atitude desafiadora é como uma orientação para o leitor, uma maneira de guiar o pensamento do leitor e fazer com que ele crie a dúvida que tanto é evidência na sua narrativa. Mesmo com a pressuposição da discordância ou do descontentamento do leitor, o narrador prevê as atitudes, conhecendo ou apenas fingindo conhecer o seu público leitor.

3.2. O narrador de *Amor de Capitu*, de Fernando Sabino

A obra *Amor de Capitu*, de Fernando Sabino, foi publicada em 1998. O texto, como o próprio autor apresenta na introdução da obra, é a leitura fiel do romance, mas sem a presença do narrador de *Dom Casmurro*. Fernando Sabino teve a intenção de produzir uma recriação literária de *Dom Casmurro* e descobrir até que ponto a dúvida da traição de Capitu teria sido premeditada por Machado de Assis e concretizada na criação de seu narrador-personagem evasivo, ingênuo, inseguro, preconceituoso e casmurro. Desta forma, a recriação literária de Sabino adota um narrador em terceira pessoa para demonstrar se apenas isso basta para que Capitu seja vista de outra maneira.

Na apresentação do livro, o autor justifica sua escolha para fazer uma reescrita:

O que me excitou a curiosidade desde a primeira leitura e mais de uma releitura da obra foi descobrir até que ponto a dúvida teria sido premeditada pelo autor, através de um narrador evasivo, inseguro, ingênuo, preconceituoso e casmurro como o apelido que assumiu para si mesmo. (SABINO, 2008, p.8)

Sabino substitui algumas expressões utilizadas na linguagem da época por vocábulos atuais ou seus sinônimos equivalentes, como lábios, em vez de “beijos”, rosto, em vez de “cara”, etc:

-Você há de ser sempre criança, disse ela fechando-me a cara entre as mãos e chegando muito os olhos aos meus.³⁵

³⁵ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 264.

- Você há de ser sempre criança — disse ela, fechando-lhe o rosto nas mãos e chegando muito os olhos aos dele.³⁶

As alterações na recriação literária não interferiram nas características da personagem Capitu, que permaneceram as mesmas da Capitu de Machado de Assis. Quando Capitu e Bentinho fazem o juramento de se casarem apenas um com o outro, o texto de Machado não é alterado. Fernando Sabino mantém as mesmas cenas que Machado de Assis criou em *Dom Casmurro*, porém este juramento é contado através de um narrador em terceira pessoa. São utilizadas as mesmas palavras do romance machadiano, no momento em que Bentinho e Capitu trocam juras para seu matrimônio.

Você jura uma cousa? Jura que só há de casar comigo?

Capitu não hesitou em jurar, e até lhe vi as faces vermelhas de prazer. Jurou duas vezes e uma terceira:

– Ainda que você case com outra, cumprirei o meu juramento, não casando nunca.³⁷

Você jura uma coisa? Jura que só há de casar comigo?

Capitu não hesitou em jurar — jurou duas vezes e uma terceira:

– Ainda que você case com outra, cumprirei meu juramento, não casando nunca.³⁸

Em *Amor de Capitu*, construiu-se uma repetição do romance de Machado de Assis, sem as partes que foram omitidas, que são os comentários do narrador machadiano sobre ele mesmo ou sobre os fatos do seu tempo. Os capítulos de *Dom Casmurro* que apresentam os moradores da casa de Matacavalos são apagados por Sabino e retornam ao final do livro como um apêndice, porque não há um *Dom Casmurro* explicando a escolha do título e do livro. O narrador Bento Santiago se põe a escrever um livro com o objetivo de “[...] atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência.”³⁹ A obra de Sabino omite essa informação e começa na cena em que Bentinho, escondido atrás da porta, ouve a conversa de sua mãe e José Dias: “Quando Bento Santiago ia entrando na sala de visitas, ao ouvir José Dias falar seu nome, escondeu-se atrás da porta. A casa era a da Rua de Matacavalos, o mês de novembro, o ano de 1857.”⁴⁰ A omissão dos motivos que o levaram a escrever, transformar o narrador em falso, modificando o final da narrativa, o autor apenas comenta: “E não tendo nada de melhor a fazer, começou a pensar em escrever um livro”⁴¹, enquanto o narrador de Machado de Assis finaliza: “Vamos à História dos subúrbios.”⁴²

³⁶ SABINO, Fernando. *Amor de Capitu*. São Paulo: Ática, 2008. p. 156.

³⁷ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 135.

³⁸ SABINO, Fernando. *Amor de Capitu*. São Paulo: Ática, 2008. p. 83.

³⁹ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 18.

⁴⁰ SABINO, Fernando. *Amor de Capitu*. São Paulo: Ática, 2008. p. 11.

⁴¹ SABINO, Fernando. *Amor de Capitu*. São Paulo: Ática, 2008. p. 227.

⁴² ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 359.

A narrativa da história centra-se em Capitu e Bentinho, partindo do princípio que o próprio autor já tem uma opinião formada sobre os personagens: “O que sempre me atraiu neste romance admirável não foi a intrigante e todavia óbvia infidelidade da personagem principal, motivo de tantas especulações da crítica ou pseudocrítica.”⁴³ E ainda completa:

Pode-se duvidar da culpa de Capitu — mas não sob o fundamento de que só conhecemos o testemunho pessoal de seu marido: tudo que acontece no mundo se sujeita ao testemunho pessoal de cada um. Mesmo sendo o marido declaradamente um advogado, como é o caso: trata-se de ficção e não de um libelo acusatório. (SABINO, 2008, p. 8).

Além disso, Fernando Sabino homenageia Machado de Assis, no último capítulo intitulado “E bem, e o resto?”. Sabino coloca as suas considerações sobre os procedimentos adotados no seu livro:

A narrativa em terceira pessoa, por mim, empreendida, não empresta necessariamente ao relato condições de conhecimento do que se passa no íntimo de todos os personagens. O método escolhido, embora na terceira pessoa, foi em máxima parte o de centralizar o relato no testemunho de apenas um deles. É técnica usual no mundo da ficção. Machado de Assis, ele próprio, a adotou mais de uma vez ao longo da sua obra. Assim, procurei reviver os acontecimentos do livro a partir do mesmo ângulo do narrador original, com os mesmos elementos prosódicos, sem a interveniência de interpretações pessoais posteriores, muitas vezes deformadas pelo tempo decorrido. A narração em si obedece o entrecho do romance, mas sem as características de linguagem pessoal usada pelo personagem central, embora continue a ação a decorrer praticamente do seu ponto de vista. (SABINO, 2008, p. 232)

O autor faz a exclusão de algumas partes do romance e se justifica: “A eliminação do intermediário levou-me à fusão de um ou outro capítulo, ou à sua transferência no contexto, sem prejuízo do entrecho e preservando na estrutura romanesca o espírito machadiano da concepção original.”⁴⁴ Ao final do livro, ele traz um apêndice intitulado “O cronista Dom Casmurro”, que ele expõe:

TENDO apresentado o caso de Bento com Capitu sem a interveniência e as digressões do narrador, aqui o vemos como comentarista de si mesmo e dos fatos de seu tempo, à margem da trama romanesca de sua pretensa autoria. Alguns capítulos independentes do entrecho vão aqui apresentados como exemplos de excelentes crônicas de época. São páginas literárias da mais fina qualidade, que elevam Dom Casmurro à categoria de grande cronista da nossa literatura, digno do seu imortal criador (SABINO, 2008, p. 235)

⁴³ SABINO, Fernando. *Amor de Capitu*. São Paulo: Ática, 2008. p. 8.

⁴⁴ SABINO, Fernando. *Amor de Capitu*. São Paulo: Ática, 2008. p. 232.

Fernando Sabino adota a onisciência seletiva, pois a narrativa continua sob o olhar de Bento Santiago. Esse tipo de narrador é assim apresentado por Ligia Chiappini Moraes Leite:

Esta categoria semelhante à anterior, apenas trata-se de uma só personagem e não de muitas. É, como no caso do NARRADOR-PROTAGONISTA, a limitação a um centro fixo. O ângulo é central, e os canais são limitados aos sentimentos, pensamentos e percepções da personagem central, sendo mostrados diretamente. (LEITE, 2001, p. 54)

A transposição de um narrador-protagonista para um narrador de onisciência seletiva não altera a visão que se tem da personagem Capitu, pois a sua voz continua silenciada, sua história só nos é contada pela perspectiva do marido. A título de exemplificação, podemos observar a cena do velório de Escobar, em que Bento Santiago acredita que o choro de Capitu revela a traição dela com seu melhor amigo. Os narradores, tanto de *Dom Casmurro* quanto de *Amor de Capitu*, continuam sendo contados pelo ponto de vista de Bentinho, sem outra perspectiva além daquela ou que colocasse os pensamentos ou até mesmo sentimentos de Capitu em evidência. Em *Dom Casmurro*, Machado de Assis diz:

No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas..

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a tinta também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (ASSIS, 2019, p. 310)

Já Fernando Sabino diz que:

No meio dele, Bento viu Capitu a olhar alguns instantes para o cadáver de maneira tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não se admirou ao lhe saltarem dos olhos algumas poucas e silenciosas lágrimas.

As dele cessaram logo. Ficou a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando furtivamente para as pessoas que estavam na sala. Redobrou de cuidados com a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parecia retê-la também. Houve um momento em que Bento viu os olhos de Capitu fitarem o defunto, como os da viúva, sem o pranto nem as palavras dela, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador daquela manhã. (SAFINO, 2008, p. 194)

A Capitu de Machado de Assis e a Capitu de Fernando Sabino são iguais nos traços físicos e psicológicos, há poucas diferenças entre a narrativa machadiana e a de Fernando Sabino. A mudança no tipo de narrador não resultou em grandes diferenças entre a Capitu machadiana e a Capitu de Fernando Sabino, pois ambas possuem características idênticas, relacionam-se com os mesmos personagens, inclusive suas falas são as mesmas.

4. Análise da obra - Capitu

4.1 A Capitu, de Machado de Assis

A personagem Capitolina, mais conhecida como Capitu, é uma menina esperta e com uma beleza encantadora e inteligente, vinda de uma família de origem humilde. Era vizinha de Bentinho na Rua de Matacavalos, na infância não se desgrudaram, essa proximidade fez com que eles se apaixonassem e nutrissem esse amor na fase da adolescência e na fase adulta casaram-se. Bentinho, no capítulo 13 intitulado “Capitu”, descreve em detalhes as características da sua amiga de infância.

Não podia tirar os olhos daquela criatura de 14 anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos. (ASSIS, 2019, p. 44 - 45).

Suas características atreladas à sua personalidade forte a transcendem para a frente de seu tempo, com uma postura firme e elegância, conseguindo sair de situações que a poderiam complicar e salientar que de ingênua ela não tinha nada. Capitu escreve no muro da sua casa as seguintes inscrições: “Bento Capitolina”. Bentinho vê e, sem perceber, os dois dão as mãos sem dizer uma palavra. O pai de Capitu os vê:

— Vocês estavam jogando o siso?perguntou.
Olhei para um pé do sabugueiro que ficava perto; Capitu Respondeu por ambos.
— Estávamos, sim, senhor, mas Bentinho ri logo, não aguenta.
— Quando eu cheguei à porta, não ri.
— Já tinha rido das outras vezes; não pode. Papai quer ver?
E séria, fitou em mim os olhos, convidando-me ao jogo. O susto é naturalmente sério; eu estava ainda sob a ação do que trouxe a entrada de Pádua, e não fui capaz de rir, por mais que devesse fazê-lo, para legitimar a resposta de Capitu. Esta, cansada de esperar, desviou o rosto, dizendo que eu não ri daquela vez por estar ao pé do pai. E nem assim ri. Há cousas que só se aprendem tarde; é mister nascer com elas para fazê-las cedo. E melhor é naturalmente cedo que artificialmente tarde. (ASSIS, 2019, p. 50)

Ela rapidamente toma controle da situação com cautela e mente para o pai. Bentinho decide contar da promessa que sua mãe fez, quando ele ainda estava no ventre dela, se ele nascesse vivo e fosse um menino, ele deveria se tornar padre, mas Capitu não reage muito bem com essa notícia:

Capitu não parecia crer nem descrever, não parecia sequer ouvir; era uma figura de pau. Quis chamá-la, sacudi-la, mas faltou-me ânimo. Essa criatura que brincava comigo, que pulara, dançara, creio até que dormira comigo, deixava-me agora com os braços atados e medrosos. (ASSIS, 2019, p. 57)

Mas depois que Bentinho repetiu para ela o que foi falado, Capitu mudou a sua postura e pediu-lhe que relatasse novamente o que foi falado, mas ele omite o que os outros personagens falam sobre ela, e ele ainda completa:

Capitu refletia. A reflexão não era cousa rara nela, e conheciam-se as ocasiões pelo apertado dos olhos. Pediu-me algumas circunstâncias mais, as próprias palavras de uns e de outros, e o tom dalas. Como eu não queria dizer o ponto inicial da conversa, que era ela mesma, não lhe pude dar toda a significação. A atenção de Capitu estava agora particularmente nas lágrimas de minha mãe; não acabava de entendê-las. Em meio disto, confessou que certamente não era por mal que minha mãe me queria fazer padre; era a promessa antiga, que ela, temente a Deus, não podia deixar de cumprir. Fiquei tão satisfeito de ver que assim espontaneamente reparava as injúrias que lhe apertei-a muito. (ASSIS, 2019, p. 59)

Capitu analisou toda a história de Bentinho como foi identificado na cena acima. A Capitu acima citada é contada a partir do olhar de Bentinho, mas agora também temos o ponto de vista de prima Justina, no capítulo 22, ela faz alguns elogios a vizinha, mas ressalta algumas críticas, como “um pouco trafega e olhava para baixo.”⁴⁵ O que o leitor pode considerar que mesmo ela sendo carinhosa, prestativa, educada e inteligente, Capitu é artilosa, dissimulada e astuta. É José Dias que a caracteriza: “Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação. Oh! a adulação!”⁴⁶ A definição de oblíqua que ele utiliza é por ela ser maliciosa, fingida e adulara para tirar alguma vantagem que a possa privilegiar, simulando apreciar alguém. *Dom Casmurro* revive em suas reminiscências trechos do passado para provocar a dúvida no leitor sobre a suposta traição de Capitu.

Com seu ego ferido pela dúvida da traição, Dom Casmurro procura comprovar, através de fatos, o caráter duvidoso de Capitu, mas não podemos ter certeza do que foi descrito por Bentinho, afinal, conhecemos apenas o que é narrado por ele, o que é contado pelos outros personagens, também é descrito por ele. Depois de casados, seu ciúmes e as desconfianças dos sentimentos de Capitu por ele são perceptíveis, pode-se perceber isso:

⁴⁵ Ibidem, p. 70.

⁴⁶ Ibidem, p. 74 e 75.

Venho explicar-te que tive tais ciúmes pelo que podia estar na cabeça de minha mulher, não fora ou acima dela. É sabido que ás distrações de uma pessoa podem ser culpadas, metade culpadas, um terço, um quinto, um décimo de culpadas, pois que matéria de culpa a graduação é infinita. A recordação de uns simples olhos basta para fixar outros que os recordem e se deleitem com a imaginação deles. (ASSIS, 2019, p. 274)

Bentinho e Capitu estão conversando sobre astronomia. Capitu se distrai e fixa seu olhar no mar, provocando o ciúmes de Bentinho, que faz suposições sobre os pensamentos dela que ele não deveria saber. Ele a indaga por que não presta atenção nele. O ciúme já o controlava.

Outros ciúmes ainda vieram, quando Bentinho e Capitu vão ao baile e, com os braços descobertos, Capitu se torna o centro das atenções.

Eram belos, e na primeira noite que os levou nus a um baile, não creio que houvesse iguais na cidade, nem os seus leitores, que eram então de menina, se eram nascidos, mas provavelmente estariam ainda no mármore, donde vieram, ou nas mãos do divino escultor. Eram os mais belos da noite, a ponto que me encheram de desvanecimento. Conversava mal com as outras pessoas, só para vê-los, por mais que eles se entrelaçam aos das casacas alheias. Já não foi assim no segundo baile; nesse quando vi que os homens não se fartavam de olhar para eles, de os buscar, quase de os pedir, e que roçavam por eles as mangas pretas, fiquei vexado e aborrecido. (ASSIS, 2019, p. 270)

O estopim dos ciúmes de Bentinho acontece no velório de Escobar, é nesse momento que nasce a dúvida da traição em Bentinho.

Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas... As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a tinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (ASSIS, 2019, p. 310)

A partir desse momento, Bentinho muda totalmente com Capitu, a reação que ela teve diante do cadáver do seu melhor amigo, o intrigam e a cada dia enxerga em seu filho Ezequiel semelhanças com Escobar. A personagem Capitu é mostrada através do olhar de quem tenta provar a cada capítulo que a Capitu mulher sempre esteve presente na Capitu menina.

Machado de Assis construiu uma personagem magnífica, com uma personalidade forte e marcante, prática e que consegue disfarçar seus sentimentos e ações que possam vir a

prejudicar, isso transcorre durante toda a obra. Mesmo com a acusação de traição pelo marido, permanece orgulhosa, não respondendo a nenhuma das desconfianças.

Bentinho, em busca de respostas para as semelhanças de Ezequiel com Escobar, olha o retrato de Escobar na parede e fica convencido de que seu filho é filho do seu melhor amigo. Entra em desespero e pensa em colocar veneno em uma xícara de café e beber, mas com a chegada do menino na sala, pensa em algo pior: oferecer a xícara de café para ele. No último instante, desiste e beija a cabeça do menino e diz que ele não era seu pai. Capitu adentra a sala:

Desta vez, ao dar com ela, não sei se era dos meus olhos, mas Capitu pareceu-me lívida. Seguiu-se um daqueles silêncios, a que, sem mentir, se podem chamar de um século, tal é a extensão do tempo nas grandes crises. Capitu recompôs-se; disse ao filho que se fosse embora, e pediu-me que lhe explicasse...

– Não há que explicar, disse eu.

– Há tudo; não entendo as tuas lágrimas nem as de Ezequiel. Que houve entre vocês?

– Não ouviu o que lhe disse?

Capitu respondeu que ouvira choro e rumor de palavras. Eu creio que ouvira tudo claramente, mas confessá-lo seria perder a esperança do silêncio e da reconciliação; por isso negou a audiência e confirmou unicamente a vista. Sem lhe contar o episódio do café, repetiu-lhe as palavras do final do capítulo.

– O que? perguntou ela como se ouvira mal.

– Que não é meu filho.

Grande foi a estupefação de Capitu, e não menor a indignação que lhe sucedeu, tão naturais ambas que fariam duvidar as primeiras testemunhas de vista do nosso foro. Já ouvi que as há para vários casos, questão de preço; eu não creio, tanto mais que a pessoa que me contou isto acabava de perder uma demanda. Mas, haja ou não testemunhas alugadas, a minha era verdadeira; a própria natureza jurava por si; e eu não queria duvidar dela. Assim que, sem atender à linguagem de Capitu, aos seus gestos, à dor que a retorcia, a cousa nenhuma, repeti as palavras ditas duas vezes com tal resolução que a fizeram afrouxar. (ASSIS, 2019, p. 337, 338, 339 e 340)

Ezequiel entra na sala no momento da discussão e chama a mãe para irem à missa. Bentinho confirma a sua dúvida, a semelhança não havia como ser negada. Capitu e Bentinho olham para Ezequiel e, em seguida, olham um para o outro. Nada é dito por ela, apenas pega o menino pela mão e sai para ir à igreja. O silenciamento da esposa diante da acusação serviu para confirmar a sua culpa. Aquela Capitu, nas cenas citadas acima, não conseguiu escapar da situação apresentada por Bentinho, não encontrando maneiras de convencer que as suposições apresentadas fossem apenas um engano seu.

As semelhanças entre Ezequiel e Escobar destruíram o casamento de Capitu e Bentinho. Capitu não se defende, mas a certeza da traição não é confirmada. Ela retorna da igreja e declara: “ – Confiei a Deus todas as minhas amarguras, disse-me Capitu ao voltar da igreja; ouvi dentro de mim que a nossa separação é indispensável, e estou às suas ordens.”⁴⁷

⁴⁷ ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 342.

Capitu e Ezequiel são exilados na Europa, mesmo com as acusações. Capitu escreve para Bentinho: “Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, a que respondi com brevidade e sequidão. As delas eram submissas, sem ódio, acaso afetuosas, e para o fim saudosas; pedia-me que a fosse ver.”⁴⁸, Capitu falece e é enterrada na Europa. Ezequiel volta para o Brasil, sendo recebido friamente por ser pai. Parte para uma expedição em Jerusalém, onde morre de febre tifóide. Sozinho, Dom Casmurro tenta reconstruir, através das lembranças, de sua infância, adolescência, vida adulta e a tragédia que se abateu sobre o seu casamento com a sua vizinha de infância, Capitu. Mesmo com a tragédia, nenhuma mulher preencheu a sua vida como Capitu, seus ciúmes foram os maiores causadores do fim de um grande amor.

Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é este propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da praia da glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. Jesus, filho de Sirach, se soubesse dos meus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no seu cap. IX, vers. 1: “Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti”; Mas eu creio que não, e tu concordar comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.

É bem, qualquer que seja a solução, uma cousa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me.. A terra lhes seja leve! (ASSIS, 2019, p. 358 e 359).

A personagem Capitu foi construída em uma rede de desconfiança, intrigas e ciúmes, mas não lhe foi dada a oportunidade de defesa. Mesmo o leitor mais atento, dúvida sobre a personalidade de Capitu, como não se fascinar por uma mulher tão sedutora e misteriosa? Capitu traiu ou não traiu o marido, se dissimulou ou não, pouco importa, o que interessa é que a narrativa é contada através dos olhos de um marido ciumento, uma história sempre tem dois lados, não se pode condenar uma personagem que não teve direito de defesa.

4.2. A Capitu, de Fernando Sabino

Na obra *Amor de Capitu*, de Fernando Sabino, o autor não apenas altera o texto escrito por Machado de Assis, ele centraliza os fatos narrados e traz a mesma essência da obra *Dom Casmurro*, apenas alterando o narrador para a terceira pessoa. Sabino faz uma reescrita literária, convidando os leitores a conhecer uma nova interpretação da obra, mas agora sem a subjetividade que o narrador Bentinho impõe. Essa nova narrativa não suspende

⁴⁸ Ibidem, p. 344.

as indagações de Bento Santiago, e seu ponto de vista dos acontecimentos continua presente. Assim, o mistério sobre a suposta traição permanece nesta releitura crítica do romance. A Capitu narrada em primeira pessoa é a mesma Capitu da narrada em terceira pessoa, sendo interpretada da mesma maneira pelo leitor. A retirada do narrador em primeira pessoa não removeu as marcas e características da narração original da personagem, existe apenas a mudança de “Algumas expressões idiomáticas da época, ou de flagrante herança lusitana, que pareceriam desusadas ou mesmo chulas ao leitor de hoje, foram substituídas por vocábulos de sinonímia ou acepção equivalente que não trouxesse a marca do tempo.”⁴⁹

A personagem continua silenciada e as definições sobre ela são as mesmas imposições do narrador machadiano, mesmo não sendo focalizadas nela como na obra *Dom Casmurro*. Capitu continua sendo descrita pelo narrador na recriação do romance:

Capitu o chamava às vezes de moço bonito, uma flor; outras vezes pegava-lhe nas mãos para contar-lhe os dedos. Pôs-se a recordar e outros gestos e palavras, o prazer que sentia quando ela lhe passava a mão pelos cabelos, dizendo que os achava lindíssimos. Ele, sem fazer o mesmo aos dela, dizia que eram muito mais lindos que os seus. Então Capitu abanava a cabeça com uma grande expressão de desengano e melancolia, tanto mais de espantar quanto tinha os cabelos realmente admiráveis; mas ele respondia chamando-a de maluca. (SABINO, 2008, p. 19 e 20)

Capitu chamava-me às vezes bonito, mocetão, uma flor; outras pegava-me nas mãos para contar-me os dedos. E comecei a recordar esses e outros gestos e palavras, o prazer que sentia quando ela me passava a mão pelos cabelos, dizendo que os achava lindíssimos. Eu, sem fazer o mesmo aos dela, dizia que os dela eram muito mais lindos que os meus. Então Capitu abanava a cabeça com uma grande expressão de desengano e melancolia, tanto mais de espantar quanto que tinha os cabelos realmente admiráveis; mas eu retorquia chamando-lhe maluca. (ASSIS, 2019, p. 41 e 42)

Os trechos acima mostram que Sabino fez essa mudança de narradores, mas a personagem continua descrita por Bentinho. Sabino muda o narrador, mas a suposição da traição de Capitu está presente na obra de Machado de Assis, permanecendo a visão do narrador em terceira pessoa. Os fatos são igualmente reproduzidos em *Amor de Capitu*, sob a perspectiva de Bento Santiago:

Mas acreditava que não era isso: lembrava-se de Capitu menina, tinha de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.

Em suma, a certeza que lhe ficava era apenas esta: a sua primeira amiga e seu maior amigo, tão extremos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem se juntando e o enganando.

— Que a terra lhes seja leve! — concluiu.

E não tendo nada de melhor a fazer, começou a pensar em escrever um livro. (SABINO, 2008, p. 226 e 227)

⁴⁹ SABINO, Fernando. *Amor de Capitu*. São Paulo: Ática, 2008. p. 233.

Mas eu creio que não, e tu concordar comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. É bem, qualquer que seja a solução, uma cousa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me.. A terra lhes seja leve! Vamos à História dos subúrbios. (ASSIS, 2019, p. 358 e 359).

A narração termina assim na obra de Sabino, expondo a mesma acusação de adúltera à Capitu, igualmente em *Dom Casmurro*, pelo narrador Bento Santiago. *Amor de Capitu* é a continuação da acusação de traição e o silenciamento da personagem Capitu. O “Amor” citado por Sabino, por ser um vocativo direcionado a seu esposo Bentinho, confirma que todas as referências à personagem Capitu dizem mais sobre o narrador do que sobre Capitu, reforçando o seu silenciamento. Portanto, Sabino reafirma o discurso machadiano na representação da personagem Capitu.

5. Estudo comparativo entre *Dom Casmurro* e *Amor de Capitu*

Tania Franco Carvalhal, na obra *Literatura Comparada* (1986), apresenta o conceito dessa área dos estudos literários. À primeira vista, parece ser um conceito simples, trata-se de comparar duas ou mais obras literárias. Mas os estudos comparados abrangem semelhanças e diferentes métodos, objetivos, abordagens entre diferentes literaturas, suas influências mútuas, interações culturais e a evolução de temas e formas literárias em contextos históricos e geográficos distintos. A expressão literatura comparada consolidou-se no século XIX, através do pensamento cosmopolita, quando havia um forte interesse em generalizar estruturas e fenômenos literários entre diferentes culturas.

Ainda segundo Carvalhal, o termo “comparada” já era utilizado desde a idade média, mas adquiriu uma importância maior através das ciências e, subsequentemente, nas humanidades, onde prevalecia o desejo de comparar estruturas e fenômenos literários a fim de extrair leis gerais que pudessem ser aplicadas a múltiplas tradições literárias. Assim, o desejo de encontrar semelhanças entre obras literárias comparadas concentrou-se em investigações como a migração de temas, mitos e motivos entre diferentes culturas levou à institucionalização da literatura comparada.

Tania Carvalhal explica também que a intertextualidade presente em ambas as obras é um aspecto fundamental da literatura comparada, pois desloca o foco da simples busca por fontes e influências para um diálogo mais complexo entre os textos. Em *Amor de Capitu*: “ele

o atualiza, o reescreve no seu momento histórico. Recria não a saudade nostálgica do primeiro.”⁵⁰ Sabino não apenas evoca *Dom Casmurro*, mas abre espaço para uma interpretação alternativa da personagem Capitu, cuja imagem em *Dom Casmurro* é ambígua e indeterminada. Assim, o romance de Sabino atua como uma releitura crítica que desconstrói os pressupostos estipulados por Machado de Assis.

Em *Amor de Capitu*, Sabino reescreve a obra *Dom Casmurro* em terceira pessoa, realizando essa troca na narrativa, não se tem um narrador ciumento que nos relata os acontecimentos e tornando o discurso de Bentinho sem prestígio. Na obra *Dom Casmurro*, no capítulo XVIII, intitulado “Um plano”, Bentinho relata um plano para se livrar do seminário, onde Capitu seria a idealizadora da ideia. E assim descreve:

Como vês, Capitu, aos 14 anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. (...) Tal era a feição particular do caráter da minha amiga; pelo que, não admira que, combatendo os meus projetos de resistência franca, fosse antes pelos meios brandos, pela ação do empenho, da palavra, da persuasão lenta e diuturna, e examinasse antes as pessoas com quem podíamos contar. Rejeitou tio Cosme. era um “boa-vida”; se não aprovava a minha ordenação, não era capaz de dar um passo para suspendê-la. (ASSIS, 2019, p. 60)

Aos quatorze anos, ela tinha ideias atrevidas, mas Bento sabia que na prática se faziam hábeis, sinuosas, surdas e não alcançavam o fim proposto senão passo a passo. Tal era, aos olhos dele, a feição particular do caráter de sua amiga: combatendo seus projetos de resistência franca, preferia aos meios brandos, pela ação do empenho, da palavra, da persuasão lenta e diária, e examinando antes as pessoas com quem podiam contar. Rejeitou o seu tio Cosme: era um “boa-vida”, não aprovava a ordenação, mas não era capaz de fazer nada contra ela. (SABINO, 2008, p. 33 e 34)

No trecho de Sabino, o autor suprime o “como vês”, que Machado utiliza como um chamamento ao leitor. Embora o narrador em terceira pessoa tente passar que as ideias sobre o caráter de Capitu, sejam algo que foi pensado por Bentinho, utilizando as expressões “Bento sabia” e “aos olhos dele”, o encabeçamento do parágrafo começa por: “Aos quatorze anos ela tinha ideias atrevidas”, isso é a marca principal da personagem Capitu ao longo do livro *Dom Casmurro*. A partir dessa observação, as marcas de persuasão utilizadas pelo narrador machadiano são dissolvidas, mas ainda permanecem os rastros do narrador de Machado de Assis sobre o caráter de Capitu. Com a retirada de expressões e trechos que convenceram o leitor da culpabilidade de Capitu, fica perceptível que Sabino tenta arrumar

⁵⁰ CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 2006. p. 56.

desculpas para o discurso de *Dom Casmurro*, e, embora a nova narrativa retire algumas suposições, ainda sustenta muitas das concepções de Bento Santiago.

Na análise do trecho acima, na obra *Dom Casmurro*, Capitu falou com Bentinho que se pudesse estenderia uma fila de canoas até a Europa para tê-lo para si, esse trecho é eliminado por Sabino em *Amor de Capitu*. O trecho representa justamente o perfil de Capitu, que evidencia que seus atos enquanto adulta, como a dissimulação e principalmente a traição, já se encontravam nela desde menina. Com a dissolução dessa afirmação, temos um *Dom Casmurro* inocentado no texto de Sabino.

O Capítulo L, “Um meio-termo”, conta a partida de Bentinho para o seminário e iniciou-se assim:

Meses depois fui para o seminário de S. José. Se eu pudesse contar as lágrimas que chorei na véspera e na manhã, somaria mais que todas as vertidas desde Adão e Eva. Há nisto alguma exageração; mas é bom ser enfático, uma ou outra vez, para compensar este escrúpulo de exatidão que me aflige. Entretanto, se eu me ativer só à lembrança da sensação, não fico longe da verdade; aos 15 anos, tudo é infinito. Realmente, por mais preparado que estivesse, padeci muito. Minha mãe também padeceu, mas sofria com alma e coração; demais, o padre Cabral achara um meio-termo, experimentar-me a vocação; se no fim de dois anos, eu não revelasse vocação eclesiástica, seguiria outra carreira. (ASSIS, 2019, p. 139)

Em *Amor de Capitu*, o mesmo episódio é assim relatado:

Meses depois Bento foi para o seminário São José. Chorou muito na véspera e pela manhã. Por mais preparado que estivesse, sofria bastante. Sua mãe também sofreu, mas com a alma e coração. Padre Cabral achara um meio-termo: experimentar-lhe a vocação — se ao fim de dois anos não revelasse vocação eclesiástica, seguiria outra carreira. (SABINO, 2008, p. 86).

Sabino retira a subjetividade da narrativa casmurra e a necessidade de reafirmar a veracidade do seu relato sobre o passado. O narrador em primeira pessoa precisa assinalar em sua escrita que “não fica longe da verdade”, sob pena do leitor imaginar sua intencionalidade no que foi relatado. Quando isso é suprimido, as semelhanças e diferenças com a escrita machadiana são dissolvidas e, assim, o discurso de Bentinho, em *Dom Casmurro*, é digno de desconfiança.

Outra prova da incriminação de Capitu por parte do narrador Bentinho ocorre no capítulo CXXXII, “O debuxo e o colorido”, onde o narrador Bentinho evidencia as semelhanças entre Escobar, seu melhor amigo, e seu filho Ezequiel como uma prova da traição. Machado de Assis retrata a distância entre Bentinho e Capitu nas revelações sobre a aparência do menino:

O que se passava entre mim e Capitu naqueles dias sombrios, não se notará aqui, por ser tão miúda e repetido, e já tão tarde que não se poderá dizê-lo sem falha nem canseira. Mas o principal irá. E o principal é que os nossos temporais eram agora contínuos e terríveis. Antes de descoberta aquela má terra da verdade, tivemos outras de pouca dura; não tardava que o céu se fizesse azul, o sol claro e o mar chão, por onde abríamos novamente as velas que nos levavam às ilhas e costas mais belas do universo, até que outro pé de vento desbaratava tudo, e nós, postos à capa, esperávamos outra bonança, que não era tardia nem dúbia, antes total, próxima e firme.

Releva-me estas metáforas; cheiram ao mar e à maré que deram morte ao meu amigo e comborço Escobar. Cheiram também aos olhos de ressaca de Capitu. Assim, posto sempre fosse homem de terra, conto aquela parte da minha vida, como um marujo contaria o seu naufrágio.

Já entre nós só faltava dizer a palavra última; nós a líamos, porém, nos olhos um do outro, vibrante e decisiva, e sempre que Ezequiel vinha para nós não fazia mais que separar-nos. (ASSIS, 2019, p. 326)

Sabino retira do romance a subjetividade encontrada na narrativa de *Dom Casmurro*:

O que se passava entre Bento e Capitu naqueles dias sombrios era miúdo e repetido. Mas os temporais eram agora contínuos e terríveis. Entre os dois só faltava ser dita uma palavra, a última, que liam nos olhos um do outro. Quando Ezequiel estava com eles, não fazia mais que separá-los. (SABINO, 2008, p. 204)

A retirada da expressão “Antes de descoberta aquela má terra de verdade”, do romance *Dom Casmurro*, que persiste na veracidade da traição de Capitu com Escobar. Geralmente há desconfianças nas acusações de adultério feitas pelo narrador machadiano, como chamar o melhor amigo Escobar de “amigo comborço”. As metáforas relativas ao mar, associadas aos olhos de ressaca, à morte de Escobar e o naufrago da vida de Bento Santiago, plantam indícios que levam o leitor a duvidar da fidelidade de Capitu. Como já foi citado em trechos anteriores, a reflexão era uma coisa rara dela, Capitu refletia sobre o direcionamento que sua nova vida tinha tomado. E mesmo com toda a familiaridade que *Dom Casmurro* direciona ao leitor, isso fora na reescrita de Sabino.

Um exemplo sobre o narrador de Sabino é a cena do beijo entre Capitu e Bentinho. Na narração original:

Grande foi a sensação do beijo; Capitu ergueu-se, rápida, eu recuei até à parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando eles se clarearam, vi que Capitu tinha os seus no chão. Não me atrevi a dizer nada; ainda que quisesse, faltava-me língua. Preso, atordoado, não achava gesto nem impeto que me deslocasse da parede e me atirasse a ela com mil palavras cálidas e mimosas... (ASSIS, 2019, p. 97)

Bentinho não conhece os sentimentos vividos por Capitu, ele relata somente os seus sentimentos, ele sabe os movimentos produzidos por ele, mas não conhece verdadeiramente os efeitos internos produzidos pelo beijo em Capitu. Ele apenas descreve as suas por ser um

narrador-protagonista, que não tem como alcançar as sensações e sentimentos dos outros personagens.

Sabino, com essa mesma cena, mas com o narrador em terceira pessoa, não revela os sentimentos de Capitu. Aqui ele apenas apresenta as sensações íntimas de Bentinho. Vejamos o que foi dito:

Grande foi a sensação do beijo. Capitu ergueu-se, rápida, ele recuou até a parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando clarearam, viu que Capitu tinha os seus no chão. Não se atreveu a dizer nada; ainda que quisesse, faltava-lhe voz. Preso, atordoado, não achava gesto nem ímpeto que o descolasse da parede e o atirasse a ela com mil palavras cálidas e amorosas. (SABINO, 2008, p. 55)

Aqui, as sensações apresentadas de Capitu são apenas externas, enquanto as de Bentinho são internas.

Em *Dom Casmurro*, o narrador Bentinho vivenciou e reviveu os fatos por ele narrados. Ele pretendia provar a culpa da infidelidade de Capitu. Talvez fosse mais do que isso, Bentinho tenta entender-se e encontrar-se consigo mesmo, como ele próprio evidência o desejo de “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência”⁵¹, ele precisa refletir sobre seu passado e concluir que tudo o que passou é obra do destino. Isso o torna um narrador pouco confiável, ele precisa libertar-se do sentimento de culpa e para isso no capítulo CXLVIII “É bem, e o resto?”, Bentinho conversa consigo mesmo e chega a conclusão que Capitu era culpada:

O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. [...] Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. (ASSIS, 2019, p. 358)

Nesse fragmento, Bentinho comete um vacilo. O trecho citado acima por ele confirma a suposição de que é como se uma dúvida pairasse nas paredes do coração de Bentinho: “Será que Capitu e seu melhor amigo Escobar o traíram ou não?” Ele crê que não. A esposa e o amigo não estão vivos para confirmar nada. É melhor concluir que Capitu sempre foi aquela definida por José Dias: “Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada.”⁵² Desde a infância.

Amor de Capitu, por ter adotado a narração em terceira pessoa, não assume um posicionamento. Ao contrário de *Dom Casmurro*, que tem um narrador em primeira pessoa,

⁵¹ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 18.

⁵² ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 75

pois os fatos narrados são vividos por ele. Não existe a necessidade de libertar-se dos sentimentos de culpa ou ressentimento. Apenas são expostos os fatos. Mas, como já foi elencado anteriormente, Sabino permanece com a narração no mesmo ângulo de Bentinho. E, como no texto original, conhecemos apenas os pensamentos de Bentinho, e isso se perpetua no texto final de *Amor de Capitu*:

Restava saber se a Capitu da Praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou esta foi mudada naquela em consequência de algum procedimento seu. [...] Mas acreditava que não era isso: lembrava-se de Capitu menina, tinha de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. (SABINO, 2008, p. 227)

Mesmo com as alterações de Sabino, o final do romance é apresentado pela mesma perspectiva da de *Dom Casmurro*. O conflito que Bentinho teve internamente permanece na narrativa de Fernando Sabino. O posicionamento dos narradores é fixado somente em um ponto de vista, que leva à condenação de Capitu. Bentinho sente-se traído e revive os acontecimentos do passado para supostamente justificar uma injustiça. Já o narrador de Sabino apenas conhece a história sobre o discurso de Bentinho. A narrativa empregada em ambas as obras são memórias do narrador machadiano. No capítulo LXXVII, “Prazer das dores velhas”, da obra de Machado de Assis, Bentinho conta ao leitor uma de suas crises de ciúmes:

Contando aquela crise do meu amor adolescente, sinto uma cousa que não sei se explico bem, e é que as dores daquela quadra, a tal ponto se espiritualizaram com o tempo, que chegam a diluir-se no prazer. Não é claro isto, mas nem tudo é claro na vida ou nos livros. A verdade é que sinto um gosto particular em referir tal aborrecimento, quando é certo que ele me lembra outros que não quisera lembrar por nada. (ASSIS, 2019, p. 204)

Essa memória do narrador não aparece em *Amor de Capitu*, Fernando Sabino retira esse capítulo, até porque não teria como transformar essa narrativa em terceira pessoa, instruções e comentários gerais estão ausentes nessa narração. Bentinho não consegue decifrar o enigma do olhar de Capitu com aqueles: “Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia nos dias de ressaca”⁵³.

A análise dos trechos citados acima demonstra que Sabino anulou a subjetividade de *Dom Casmurro* e retirou do seu discurso o caráter de suposição sobre a traição de Capitu com Escobar. Essa modificação realizada no romance *Amor de Capitu* não transformou a visão sobre o adultério que se encontra em *Dom Casmurro*, mesmo modificando e excluindo as

⁵³ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Panda Books, 2019. p. 93.

formas incriminatórias encontradas no narrador em primeira pessoa. Apenas predominam semelhanças e diferenças na narrativa, mas há um ponto divergente entre elas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta análise, buscou-se compreender como o foco narrativo interfere na construção dos sentidos produzidos na narrativa e, sobretudo, na representação dos personagens que compõem as obras. A escolha dos romances *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Amor de Capitu*, de Fernando Sabino, foi motivada justamente por apresentarem os mesmos personagens e o mesmo conflito, mas conduzidos por dois narradores completamente distintos. Enquanto em *Dom Casmurro* o enredo é conduzido por um narrador-protagonista em primeira pessoa, envolvido na história, em *Amor de Capitu* temos um narrador com onisciência seletiva em terceira pessoa, que oferece ao leitor uma perspectiva mais distanciada e supostamente neutra. Esse contraste permite observar com mais clareza os efeitos produzidos pelo foco narrativo na construção de significados para o leitor.

A análise demonstrou que o narrador tem papel central na construção da narrativa. No caso de *Dom Casmurro*, Bento Santiago narra os fatos a partir de suas memórias, compostas por ressentimentos, traumas, ciúmes e, principalmente, por uma ânsia de justificar suas escolhas passadas. A narrativa é voltada para a reconstrução subjetiva dos fatos. Essa característica torna Bento um narrador pouco confiável e manipulador, cujas acusações à personagem Capitu necessitam de provas, sendo sustentadas apenas por insinuações e interpretações pessoais. Essa subjetividade não apenas molda a percepção do leitor sobre Capitu, mas também lança dúvidas sobre a própria veracidade da narrativa.

Já em *Amor de Capitu*, Fernando Sabino realiza uma descentralização do narrador. Ao optar por um narrador em terceira pessoa, ele confere à narrativa uma imparcialidade, dando ao leitor uma nova possibilidade de interpretação. Capitu, nesse contexto, não é apenas o objeto do olhar ciumento de Bentinho, mas sim, uma personagem com autonomia, com nuances que não são filtradas exclusivamente pelo olhar do narrador machadiano. Essa mudança no foco narrativo resulta em uma Capitu menos condenada e mais compreendida, menos objeto e mais sujeito.

A comparação entre obras revela não apenas diferentes formas de narrar uma história, mas também semelhanças e diferentes formas de representar um personagem. Em *Dom Casmurro*, Capitu é construída a partir do olhar masculino de Bentinho, que projeta nela

suas próprias inseguranças e seu desejo de controle. A figura dela é ambígua, enigmática, marcada por suspeitas que o texto nunca confirma nem desmente com clareza. A dúvida sobre a traição permanece na narrativa, e essa ambiguidade tornou Capitu uma das personagens mais fascinantes e debatidas da literatura brasileira. Em *Amor de Capitu*, a releitura de Sabino propõe uma revalorização da personagem, que agora é vista com mais empatia. Ao retirar Bentinho da posição de narrador, o autor interrompe a cadeia de suspeição e oferece ao leitor novas lentes para observar os mesmos acontecimentos. Essa nova perspectiva está em concordância com a literatura comparada, que busca descolonizar o olhar, dar espaço a vozes marginalizadas e reconhecer que toda narrativa é fruto de uma escolha, e toda escolha é carregada de sentido.

Além disso, em ambos os romances, o leitor produz significados literários diferentes. Em *Dom Casmurro*, essa posição é ambígua, pois o próprio narrador sugere que o leitor deve “julgar” Capitu a partir das memórias apresentadas por ele. O efeito dessa convocação ao leitor, é paradoxal: ao mesmo tempo em que Bentinho deseja convencer o leitor de sua versão dos fatos, ele revela contradições, falhas e uma parcialidade evidente que abrem espaço para a dúvida. Em *Amor de Capitu*, a narração em terceira pessoa liberta o leitor da função estipulada por Bento Santiago de juiz e o convida a ser apenas um observador mais crítico, capaz de perceber os múltiplos lados de uma mesma história.

Por fim, esta análise comparativa reforça a importância de compreender os focos narrativos como elementos para a produção de sentido nas narrativas. A literatura é uma arte da linguagem, mas também da escolha: quem fala, como fala, sobre o quê e para quem. Desta forma, a presente dissertação contribui para uma releitura mais justa e sensível da personagem Capitu, mas também evidencia os mecanismos narrativos que sustentam as leituras literárias tradicionais. A Capitu de Machado talvez nunca seja plenamente compreendida, e a Capitu de Sabino não pretende ser definitiva.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2019.
- BOSI, Alfredo. **O enigma do olhar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- CALDWELL, Helen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis**. 2. ed. Cotia: Ateliê, 2008.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritores**. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.
- DAMASCENO, Maria Fátima. **Mas Bento que Casmurro**. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2010.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. 6 ed. 1. reimpr. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.
- SABINO, Fernando. **Amor de Capitu**. O romance de Machado de Assis sem o narrador Dom Casmurro. 5.ed. São Paulo: Ática, 2008.
- SILVA, Wannessa Cardoso. **O Discurso do Eu Metaliterário em Dom Casmurro, de Machado de Assis**. Orientadora: Maria Aparecida Rodrigues. 2015. 91 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Letras: Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica De Goiás, Goiás, 2015.